**Excerto 4**

O quarto trecho se refere a clubes de futebol na região mineradora de carvão de Minas do Leão, no Rio Grande do Sul, conforme a memória de antigos atletas que atuaram entre as décadas de 1940 e 1970.

*Ao longo de três décadas, entre o fim dos anos 1940 e meados dos 1970, a CRM incentivou a organização do Atlético Mineiro F.C., mantendo a prática de contratar bons jogadores para compor o time e trabalhar na empresa. Esses operários mantinham privilégios, como o de trabalhar unicamente na superfície, em atividades menos exaustivas e penosas, e o de serem liberados para os treinos, preparação física e jogos. Também recebiam diárias pelos deslocamentos em que disputavam campeonatos. Num estudo que realizei sobre as trajetórias de mineiros-jogadores dessa geração dos anos 1960 e 1970, pude notar que quase todos ascenderam à condição de encarregados ainda jovens. Mas a “pequena honra” do futebol imprimia não apenas prestígio na companhia, como também popularidade na comunidade, favorecendo carreiras políticas e alianças matrimoniais. “Quando descobriam um cara que jogava bem, traziam para trabalhar”, ressaltava João Francisco, 48 anos, atual gerente da área administrativa da CRM. É ele quem mantém, como verdadeiras relíquias, nas gavetas do escritório da empresa, algumas fotos e atas que registram parte da história do clube, dos raros documentos disponíveis sobre a memória do futebol na cidade. Mas ele mesmo era muito jovem para ter atuado no Atlético “dos bons tempos”. Seu colega de escritório, ex-chefe da seção, Volmar Cunda, 59 anos, começou a jogar futebol aos catorze anos e integrou o segundo quadro da equipe, seguidamente enfrentando o Olaria em disputas. Tanto a equipe principal quanto os reservas participavam de uma preparação física rigorosa, puxada por um treinador que era capitão da Polícia Militar.*

*A maior parte dos jogadores do Atlético era composta por trabalhadores na CRM, aos quais estavam reservadas algumas vantagens, tal como a permissão para participar de treinos e jogos: “Se o horário normal de largada era às 17h, saíamos às 16h para treinar”, contava Volmar. Os treinos eram realizados às terças e quintas-feiras. Se fosse necessário, os mineiros-jogadores trocavam seu horário de trabalho com os colegas para ficar no terno diurno. Volmar relata que “se houvesse um bom jogador que estivesse desempregado, certamente arrumaria vaga na companhia”. Dependendo do talento do jogador, muitas portas poderiam se abrir. Tais critérios de seleção podiam dar margens a críticas: “Alguns eram melhores no futebol do que como mineiros”, disse-me outro informante. Mas o grupo de mineiros-jogadores parecia suscitar mais admiração do que rivalidade.*

*O primeiro caso de contratação de um mineiro-jogador por uma companhia carbonífera em Minas do Leão foi o de Leotilde Braga, o Leo, com 78 anos à época de nossa última entrevista. Goleiro que fez história no futebol amador da região, ele só se sentiu comprometido com um clube quando foi jogar no Atlético, em 1949, e, por conta disso, tornou-se empregado do então DACM. Antes disso, já era um atleta “disputadíssimo”. Recordava-se que, na época, havia em torno de catorze equipes varzianas entre Minas do Leão e Butiá, e ele jogava para quase todas. Os pagamentos eram simbólicos: um ingresso para a sessão de cinema, uma calça de um tecido “fino”, etc.*

*Admitido pela empresa em 1949, Leo permaneceu dezenove anos trabalhando no setor de oficinas, uma atividade desenvolvida na superfície, condição essa que foi estendida a outros mineiros-jogadores, já que ficavam preservados de um esforço demasiado no trabalho no subsolo, sempre sujeito ao risco e à insalubridade. O jovem foi morar numa habitação de três peças nas repúblicas, levando para lá, pouco tempo depois, a mãe e três das quatro irmãs, que ele ajudaria a sustentar com seu salário. Em 1957, com problemas no joelho, Leo teve que passar por cirurgias14 e nunca recuperou totalmente o movimento daquela parte da perna, mas continuou jogando futebol.*

Fonte: CIOCCARI, Marta. Mina de jogadores: o futebol operário e a construção da “pequena honra”. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 16, n. 28, p. 13-40, 2010.